



REVISTA DE PESQUISA: Cuidado é Fundamental Online

ISSN 2175-5361

## PESQUISA

**REDISTRIBUTION OF POWERS IN THE SOCIAL SPACE OF THE NURSING SCHOOL ALFREDO PINTO  
ENUNCIATION THE DISCOURSE OF STUDENT DIRECTORY (1955)**

REDISTRIBUIÇÃO DOS PODERES NO ESPAÇO SOCIAL DA ESCOLA ENFERMAGEM ALFREDO PINTO PELA  
ENUNCIÇÃO DO DISCURSO DO DIRETÓRIO ESTUDANTIL (1955)

LA REDISTRIBUCIÓN DE PODERES EN EL ESPACIO SOCIAL DE LA ESCUELA DE ENFERMERÍA ALFREDO PINTO  
ENUNCIACIÓN DEL DISCURSO DE DIRECTORIO DE LOS ESTUDIANTES (1955)

Marina do Nascimento Bessa<sup>1</sup>, Wellington Mendonça Amorim<sup>2</sup>, Silvio de Almeida Carvalho Filho<sup>3</sup>

**ABSTRACT**

**Objectives:** To describe the emergence of the first institutional structure of representation of students in the social space of the school of nursing and to analyze the relative strengths of the director of SNDM, Jurandyr Manfredini, the director Maria de Castro Pamphiro. **Method:** the study of historical and social nature, was based on the thought of Pierre Bourdieu and document analysis. The documentary election has done through the documents confrontation found with the historical production. The sources were the minutes, ordinances, laws, reports, and two interviews. The analysis and interpretation of data were developed by means of elucidations of links and connections between information in the documents and triangulation with the production of knowledge in the history of Brazil and nursing. **Results and Conclusions:** showed that the students had obtained according to their interests and strategies to win a symbolic power to do see end believe, to confirm, to mobilize, to transform the worldview and social order within and outside the social space of the school. **Descriptors:** History of nursing, Schools of nursing, Nursing.

**RESUMO**

**Objetivos:** descrever o surgimento do primeiro órgão de representação estudantil no espaço social da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e analisar as relações de força entre o diretor do SNDM, Jurandyr Manfredini, a diretora Maria de Castro Pamphiro. **Método:** o estudo de natureza histórico-social, fundamentou-se no pensamento de Pierre Bourdieu e na análise documental. A seleção documental foi realizada através do confronto dos documentos encontrados com a produção historiográfica. As fontes foram atas, decretos, leis, relatórios e duas entrevistas. A análise e interpretação dos dados foram desenvolvidas por meio de elucidações de elos e dos nexos entre as informações obtidas nos documentos e trianguladas com a produção do conhecimento em história do Brasil e da enfermagem. **Resultados e Conclusão:** evidenciam que os estudantes conseguiram de acordo com seus interesses e estratégias conquistar um poder simbólico de fazer ver, crer, de confirmar, de mobilizar, de transformar a visão de mundo e a ordem social dentro e fora do espaço social da Escola. **Descritores:** História da enfermagem, Escolas de enfermagem, Enfermagem.

**RESUMEN**

**Objetivos:** Describir la aparición de la primera estructura institucional de representación de estudiantes en el espacio social de la escuela de enfermería y analizar la relación de fuerzas entre el director de SNDM, Jurandyr Manfredini, la directora Maria de Castro Pamphiro. **Método:** El estudio de la naturaleza histórica y social, se basó en el pensamiento de Pierre Bourdieu y en el análisis de documentos. La selección documental se realizó comparando los documentos encontrados con la producción histórica. Las fuentes fueron las actas, ordenanzas, leyes, informes y dos entrevistas. El análisis e interpretación de datos fueron desarrollados por medio de aclaraciones de los vínculos y conexiones entre la información en los documentos y trianguladas en la producción de conocimiento en la historia de lo Brasil y de la enfermería. **Resultados y Conclusiones:** mostraron que los estudiantes conseguiram de acuerdo a sus intereses y estrategias ganar un poder simbólico de ver y creer, de confirmar, de movilizar, de transformar la visión del mundo y el orden social dentro y fuera del espacio social de la escuela. **Descriptor:** Historia de la enfermería, Escuelas de enfermería, Enfermería.

<sup>1</sup> Mestre em Enfermagem/UNIRIO Enfermeira do HES/MS. Endereço para correspondência: Rua Torres de Oliveira 166 Piedade, Rio de Janeiro - RJ, CEP 20740-380. E-mail: [marinabessa@hotmail.com](mailto:marinabessa@hotmail.com). <sup>2</sup> Doutor em História da Enfermagem, Professor Adjunto do DESP/EEAP/UNIRIO. [amorimw@gmail.com](mailto:amorimw@gmail.com). <sup>3</sup> Doutor em História Econômica/USP, Professor Associado II da UFRJ. E-mail: [silvioacf@terra.com.br](mailto:silvioacf@terra.com.br).

## INTRODUÇÃO

Pesquisa sobre as relações de força existentes entre os agentes inseridos no espaço social da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto em torno da criação do Diretório Acadêmico em meados do século XX.

A participação política é uma ação que ocorre em solidariedade com outras, no âmbito do Estado ou de uma classe, com vistas a conservar ou modificar a estrutura e os valores do sistema de interesses dominantes. Essa ação se desenvolve dentro das relações de poder e, conseqüentemente, carrega implícito no seu ato as relações de um sistema de interesses<sup>1</sup>. Nesse aspecto, acreditamos que estudar a participação política dos estudantes e as suas relações entre os agentes que detinham poderes institucionais no âmbito da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP) nos faz compreender os eventos que demarcaram a trajetória da primeira escola de enfermagem brasileira em meados do século XX. Além disso, nos faz refletir sobre os traços que marcam a identidade, o cotidiano da Escola e a formação de enfermeiros e enfermeiras no Rio de Janeiro.

Foi através da reorganização da Escola<sup>2</sup> e a aprovação do novo regulamento<sup>3</sup>, de 22 de setembro de 1942 que a direção da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto passou a ser exercida por uma enfermeira diplomada com curso de aperfeiçoamento e experiência de ensino e administração de escolas de enfermagem. Maria de Castro Pamphiro tornou-se a primeira enfermeira diplomada, designada pelo Presidente Getúlio Vargas, para assumir a direção da EEAP em fevereiro de 1943<sup>4</sup>.

Ao assumir a direção desta Escola Maria de Castro Pamphiro compôs de alianças construídas

entre os agentes que ocupavam as posições mais altas no campo da educação e da saúde a listar:

Gustavo de Capanema que comandava o Ministério da Educação e Saúde; Barros Barreto, diretor do Departamento Nacional de Saúde; Adauto Junqueira Botelho, diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais; e Laís Netto dos Reys, enfermeira diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery, com forte ligação com a Igreja Católica, instituição que se constituiu como uma das bases de apoio político do Governo Vargas.

Na primeira metade da gestão, esta diretora enfermeira procurou preventivamente, moldar o curso da EEAP de acordo com as exigências de uma nova proposta legislativa para regular o ensino da enfermagem do Brasil (Lei 775/1949), com o propósito de afastar a ameaça de constituir-se num espaço de formação de um agente de enfermagem idealizado pelo campo sanitário sob a denominação de enfermeiro auxiliar.

No entanto, após doze anos de governo de Maria de Castro Pamphiro na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, a participação, de forma organizada, dos estudantes demarcou a data de 28 de maio de 1955 ao ser efetivada a existência do Diretório Acadêmico da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto por meio da Assembléia Geral do Corpo Discente. A Assembléia contou com a participação de dois terços dos membros do corpo discente da Escola e com os membros da União Metropolitana dos Estudantes (UME), entidade que congregava os universitários do, então, Distrito Federal e que funcionava na mesma sede da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Após a fundação do Diretório Acadêmico da EEAP ficou evidenciado um novo desafio para a gestão de Maria de Castro Pamphiro já que ela não

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC. encontrava em posição privilegiada frente à parte dos estudantes que eram integrantes do recém criado Diretório Acadêmico e que defendiam o fim da gestão da diretora.

A efetivação do Diretório Acadêmico (DA) ocorreu sem o prévio consentimento da diretora Maria de Castro Pamphiro, agente que detinha o poder institucional no espaço da EEAP, a mesma foi excluída do processo de tomada de decisões referentes à organização estudantil. Somente no dia 14 de julho de 1955, Maria de Castro Pamphiro e o diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), Jurandyr Manfredini, tomaram ciência da existência do Diretório Acadêmico por meio de uma Assembléia Geral do Corpo Discente.

Mesmo sendo, a princípio, contraditório em razão do esforço da diretora pela causa da enfermagem moderna e pela elevação do padrão de ensino no espaço da EEAP, a formação do Diretório Acadêmico proporcionou o surgimento de discursos de insatisfação advindos de parte dos discentes que lideravam o DA da EEAP contra a gestão da diretora Maria de Castro Pamphiro.<sup>5</sup>

Ao assumir a direção da EEAP, em 1943, Maria de Castro Pamphiro mantinha alianças com agentes que faziam crer, ver e reconhecer a importância da permanência da diretora na Escola. No entanto, os porta-vozes que ocupavam posições estratégicas foram substituídos por novos agentes com visões e interesses distintos, como, por exemplo: Juscelino Kubitschek, que se tornou Presidente da República em 1956; Maurício de Medeiros, nomeado em 1955 ao cargo de Ministro da Saúde; Jurandyr Manfredini, diretor do SNDM em 1954; e Waleska Paixão, diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery entre 1950 e 1957, o que levou ao enfraquecimento da conservação de Maria de Castro Pamphiro na direção da EEAP.

Desse modo, a EEAP apresentou-se como um espaço de lutas por uma redistribuição de

Redistribution of powers... poder entre os grupos que se opunham entre si, segundo determinados interesses em jogo e seus volumes de capital político. Esses grupos eram constituídos pelos agentes que detinham os poderes institucionais (representados pela diretora da Escola e pelo diretor do SNDM) e os estudantes que constituíam a recém-criada organização estudantil.

A partir do que representou a chegada de um novo grupo de agentes capazes de influenciar na transformação da estrutura do espaço social da EEAP e questionar a permanência de Maria de Castro Pamphiro na direção da primeira escola de enfermagem no Brasil, buscamos operacionalizar os seguintes **objetivos**: descrever o surgimento do primeiro órgão de representação estudantil no espaço social da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto; e analisar as relações de força existentes entre o diretor do SNDM, Jurandyr Manfredini, a diretora Maria de Castro Pamphiro e membros da primeira diretoria do Diretório Acadêmico.

A justificativa pela produção de um conhecimento histórico mais aprofundado sobre o Diretório Acadêmico da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, abrangeu seus primeiros anos de funcionamento, amparou-se na necessidade de preencher algumas lacunas, a fim de permitir maior compreensão sobre o desenvolvimento e participação política dos estudantes de enfermagem já que, em muitos momentos na história brasileira, os estudantes desempenharam um papel decisivo ao lutar contra a repressão dos grupos dominantes, o que desencadeou movimentos mais amplos e de transformações políticas no país.

## METODOLOGIA

É um estudo histórico-social baseado na análise documental e na micro-história. Adotamos o pensamento de Pierre Bourdieu com o objetivo

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC. de entender as relações sociais desenvolvidas pelos agentes e grupos de agentes, na dinâmica de construção e reconstrução do espaço social que se dá segundo a sua ocupação pelos agentes que nele se distribuem <sup>6:21</sup>.

A delimitação temporal compreendeu 1955, visto que foi o ano marcado pela fundação do órgão de representação estudantil da EEAP, conforme consta na Ata da Assembléia Geral do Corpo Discente da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, até 1958, ano em que se finalizou a gestão da segunda diretoria do Diretório Acadêmico (DA) da EEAP, como consta no relatório da gestão desse.

A EEAP, inserida no campo da educação e saúde, foi palco de atuação dos diretores do SNDM, diretoras enfermeiras da EEAP e dos estudantes de enfermagem inseridos no movimento estudantil que, norteados pelo seu capital cultural, lutavam para legitimar suas posições.

O resultado das lutas simbólicas, dos agentes ou das instituições pelas posições dominantes no interior do campo, pode ser conservação ou a transformação de sua configuração. Nesse aspecto, as relações de força e as lutas estabelecidas entre os agentes sociais que compuseram o campo da saúde resultaram na redistribuição do poder no espaço social da EEAP após a criação do Diretório Acadêmico em 1955. <sup>6:52</sup>

A seleção documental foi realizada através do confronto dos documentos encontrados com a produção historiográfica referente ao tema geral da pesquisa. As fontes primárias foram documentos escritos oficiais produzidos na comunicação intra e interinstitucional, como atas, anais, decretos, leis, ofícios e relatórios pesquisados nos acervos: Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro da EEAP-UNIRIO; Casa de Oswaldo Cruz COC- Fiocruz, RJ; Acervo da Fiocruz- Biblioteca de Manguinhos;

Rev. de Pesq.: cuidado é fundamental Online 2009. set/dez. 1(2): 217-233

Redistribution of powers... Acervo da Associação Brasileira de Enfermagem - ABEN- RJ; Centro de Estudos e Pesquisa em Enfermagem- CEPEn e Biblioteca do Ministério da Fazenda -RJ.

As fontes de apoio bibliográfico constituem-se de literaturas pertinentes à história do Brasil, política de saúde, história da enfermagem e trajetória da EEAP.

Sendo assim, para enriquecer o estudo e complementar as fontes escritas foram realizadas duas entrevistas com um agente integrante do movimento estudantil que participou da fundação do Diretório Acadêmico da EEAP em 1955.

A primeira entrevista foi livre, pois tinha a intenção de conhecer o depoente, explorar fatos históricos novos e buscar pistas sobre outros sujeitos do estudo e fontes documentais. A segunda entrevista foi pautada em um instrumento de coleta de dados com roteiro de entrevista semi-estruturada

O instrumento de coleta de dados foi elaborado com 12 perguntas relacionadas às vivências do depoente no movimento estudantil. Não foram abordadas perguntas relacionadas diretamente a criação do Diretório Acadêmico da EEAP porque identificamos na primeira entrevista, que o depoente não tinha condições de respondê-las devido ao esquecimento. Nesse aspecto, é importante reconhecer que não existe memória sem que exista o esquecimento e por esse motivo, tentamos adaptar nossos métodos de trabalho às características peculiares da potencialidade da memória do depoente.

Para atender a Resolução 196/96, o projeto tem o protocolo CAAE nº 00520000313-07 e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em 26/11/2007.

A análise e interpretação das informações foram desenvolvidas através das elucidações de elos (por concordância ou por discordância) e dos

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC. nexos entre as informações obtidas nos documentos, triangulados com a produção do conhecimento em história de enfermagem brasileira e a história do Brasil<sup>7:93</sup>. Para contribuir com depoimentos orais, buscamos os sujeitos que participaram, direta ou indiretamente, dos eventos destacados neste projeto, contudo, enfrentamos a dificuldade de encontrar os agentes devido ao lapso de tempo transcorrido já que, os principais atores do estudo já não se encontram mais vivos.

## RESULTADOS

Durante o período estudado, o Diretório Acadêmico passou por duas eleições. A primeira eleição foi realizada na data da criação do DA, em 28 de maio de 1955, na sede da União Metropolitana dos Estudantes. Ocuparam a direção do recém criado Diretório Acadêmico, o aluno Djalma Alves da Silva e, como vice-presidente, Odin de Carvalho Barreto, representando a primeira diretoria Acadêmica da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Em 10 de agosto de 1956, ocorreu a substituição da presidência pelo aluno Raulimo Pereira, em virtude da formatura de Djalma Alves.

A segunda eleição foi em 19 de setembro de 1957, quando as alunas Valdete Oliveira Dantas e Maria de Fátima Santos assumiram, respectivamente, a presidência e a vice-presidência do Diretório Acadêmico. Em 2 de junho de 1958, a presidência foi substituída por Neuza Ignêz da Silva.

O Diretório Acadêmico da Escola foi estruturado pelo presidente, vice-presidente, secretário geral, primeiro secretário, segundo secretário, tesoureiro geral, primeiro tesoureiro e segundo tesoureiro. Seguindo o que preconizava o Decreto 37.613 de julho de 1955 que regulou a constituição dos órgãos de representação do corpo

Redistribution of powers... discente e suas relações com a direção dos institutos de ensino superior, o Diretório Acadêmico deveria ser composto por, no máximo, nove membros, eleitos por maioria absoluta, em reunião que estivessem presentes, pelo menos, dois terços dos alunos regularmente matriculados.

A participação da União Metropolitana dos Estudantes na criação do Diretório Acadêmico ocorreu por intermédio do seu presidente, José Batista Oliveira Junior, que se encontrava na qualidade de secretário da assembléia. Em seu discurso, esclareceu a posição da UME em “tomar a si a luta” pela fundação do Diretório Acadêmico<sup>5</sup>.

As eleições dos dirigentes do Diretório Acadêmico significou uma delegação pela qual um agente ou um grupo de agentes transfere poder para outrem. Ocorre, portanto, a transferência de poder pela qual um mandante autoriza um mandatário a assinar em seu lugar, a agir em seu lugar e a falar em seu lugar, dando, assim, o pleno poder de agir por ele<sup>8:188</sup>.

Nesse sentido, na primeira eleição do DA, em 1955, os alunos pertencentes ao Diretório Acadêmico da EEAP, ou seja, os mandantes, delegaram Djalma Alves para ser o mandatário ou porta-voz, no intuito de mostrar e fazer valer os interesses do grupo.

Ao analisar o efeito de delegação, podemos perceber que foi aplicado também nas relações entre a UME e UNE e os Diretórios Acadêmicos das instituições de ensino. Segundo José Baptista de Oliveira, as eleições eram diretas e cada faculdade tinha uma urna e todos os estudantes votavam. Os Diretórios Acadêmicos elegiam os porta-vozes que deveriam representar a união universitária frente aos principais agentes do campo político.

Nesse período as principais reivindicações eram sobre a questão do transporte na luta pela redução do preço dos bondes, a luta pelas defesas de nossas riquezas naturais, o movimento pela Petrobrás, pela

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC.

moralização dos concursos públicos que nós descobrimos fraudes etc. Depois a favor do melhor custo de vida da Aliança Operária Estudantil. Fizemos também um seminário sobre a Reforma de Ensino já naquele tempo. Pela liberdade de imprensa uma vez colocamos um L vermelho enorme na sede da UNE porque queriam fechar os jornais na época, tudo que era a favor da liberdade a gente se metia. (José Baptista de Oliveira Junior)

A criação do Diretório Acadêmico foi tornada pública 45 dias após a fundação efetiva do Diretório Acadêmico. O evento ocorreu durante Assembleia Geral do Corpo Discente, ocorrida na EEAP, em 14 de julho de 1955, que contou com a presença das autoridades da Escola, ou seja, a diretora Maria de Castro Pamphiro e o diretor do SNDM Jurandyr Manfredini<sup>5</sup>. Esse evento ficou caracterizado como um rito institucional, pois teve o objetivo de consagrar e legitimar o Diretório Acadêmico da EEAP, isto é, fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural um limite arbitrário.

O rito institucional é um ato capaz de criar a diferença, de explorar de alguma maneira as diferenças preexistentes. Instituir, ou seja, dar uma definição social, uma identidade e também impor limites de fazer o que é de sua essência fazer e não qualquer outra coisa<sup>9:98-101</sup>.

Ao ser revelada a criação do DA perante as autoridades da EEAP estabeleceu-se uma diferença entre os estudantes do passado, “pré-Diretório Acadêmico”, que eram mais submissos diante da diretora da EEAP e sem participação política, já os estudantes ligados ao movimento estudantil “pós- Diretório Acadêmico”, eram mais participativos com um discurso mais contestador, crítico e que tinham interesses na política e nas decisões que eram tomadas na Escola. Foi, a partir de então, revelada a formação de uma nova identidade estudantil na EEAP, constituída de um grupo de agentes que tinham objetivos diferenciados e engajados em lutas específicas.

Redistribution of powers...

Maria de Castro Pamphiro tomou conhecimento da fundação do órgão de representação estudantil por meio de uma carta escrita pelo presidente do DA, Djalma Alves. Consta na Ata da Assembleia de 14 de julho de 1955, um trecho do conteúdo da carta lido por Maria de Castro Pamphiro a todos os presentes durante a Assembleia.

Sr. Diretor da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto faça-lhe ciente que no dia 28 de mês próximo passado foi fundado o Diretório Acadêmico, desta Escola e Eu, Djalma Alves da Silva, eleito presidente e responsável por tudo, peço-lhe o reconhecimento do Diretório do qual me acho responsável<sup>5</sup>.

O fragmento da carta creditado pela diretora a Djalma representou o ato de instituição, ou seja, um ato de comunicação onde foi notificado à Maria de Castro Pamphiro e Jurandyr Manfredini a identidade do Diretório Acadêmico da EEAP, e em particular a autoridade de Djalma como representante desse Diretório (quem ele era e o que ele deveria fazer).

Essa carta também representou a reivindicação do monopólio do direito de falar e de agir em nome dos estudantes da EEAP já que a palavra pela qual o porta-voz anuncia uma vontade, um projeto, um porvir a um grupo, faz o que ela diz na medida em que os destinatários se reconhecem nela, conferindo-lhe a força simbólica e material que lhes permite realizar-se. Basta que as idéias sejam professadas para que se tornem “idéias-forças” capazes de se imporem à crença, ou mesmo em palavras de ordem capazes de mobilizar ou desmobilizar<sup>10:187</sup>.

Maria de Castro Pamphiro declarou que o aluno Djalma faltou com ética por ter criado o DA sem lhe dar o prévio consentimento, mas que reconhecia, naquele momento, o Diretório Acadêmico<sup>5:5</sup>. A diretora inicialmente esclareceu que o ato de criar o DA sem a sua autorização foi antiético, já que ela era responsável por zelar

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC. administrativamente pelo funcionamento dos serviços da Escola, de modo que, em uma escala hierárquica, a fundação do DA deveria ser submetida, inicialmente, à autorização da diretora da Escola.

Segundo relato de José Baptista de Oliveira, à época, existia uma relação de dependência entre os alunos e os diretores das faculdades e o fato de criar um DA sem a concordância da diretora era um gesto de rebeldia, já que o DA precisava de apoio dos diretores para alocar as suas instalações.

A autonomia dos Diretórios Acadêmicos legalmente é maior hoje do que naquela época. Porque hoje após a constituição de 1988 os Diretórios passaram a ter necessariamente personalidade jurídica. Antes, forçosamente, a faculdade se metia, coordenando, presidindo apurando os votos, havia essa relação de dependência nesse sentido. A autonomia era conquistada. Dependia era de fato. Menos de direito do que de fato. Dependia da atuação dos estudantes da maturidade, competência para poder se impor. Isso sempre foi assim. (José Baptista de Oliveira Junior)

Cabe destacar que o desejo das diretoras enfermeiras, sobre o controle das ações pedagógicas das Escolas de Enfermagem, principalmente, de intervenção do movimento estudantil e da criação dos Diretórios Acadêmicos expressou o desejo de conservar a violência simbólica. A consolidação da violência simbólica resultou do exercício do poder que as diretoras enfermeiras detinham sobre os acadêmicos, sem necessidade de exercer força física. Assim, a dominação foi imposta e vivenciada pela presença de uma violência doce, suave, naturalizada e quase invisível<sup>11:47</sup>.

Essa relação de violência simbólica se explicitou quando a diretora Maria de Castro não aprovou a atitude de Djalma Alves em criar o Diretório Acadêmico sem a sua autorização. A diretora acabou exercendo a prerrogativa da hierarquia institucional ao impor um poder

Redistribution of powers... arbitrário, coercitivo e dominante na intenção de fazer com que os acadêmicos agissem segundo um certo código de normas e valores legitimados por ela para a criação do DA.

Por outro lado, o diretor do SNDM, Jurandyr Manfredini, congratulou os estudantes pela criação do Diretório Acadêmico. Ele afirmou que a fundação de um DA seria importante para o progresso da Escola e que se prontificava a ajudar no que fosse possível<sup>5:5</sup>.

Tal fato limitou o discurso autorizado da diretora frente às lideranças dos estudantes do Diretório Acadêmico, visto que Jurandyr Manfredini, por situar-se na posição mais elevada hierarquicamente no espaço social da EEAP, poderia repreender a iniciativa dos estudantes, principalmente de Djalma e apoiar a visão da Diretora em julgar como “antiética” a ação mas, pelo contrário, congratulou a atuação dos estudantes pela criação do DA. Esse gesto indicou uma provável aliança entre o diretor do SNDM e os estudantes do recém criado Diretório Acadêmico e comprovou a influência que o diretor do SNDM mantinha nas atividades estudantis. Assim, Maria de Castro Pamphiro não conquistou a simpatia dos acadêmicos que lideravam o Diretório Acadêmico, ficando enfraquecida no jogo de redistribuição de poderes.

O então recém-criado Diretório Acadêmico passou a ser denominado Diretório Acadêmico Jurandyr Manfredini em razão de ser este um porta-voz autorizado a ocupar a direção do SNDM e obter o reconhecimento dos alunos do Diretório Acadêmico da EEAP.

A adoção do nome de família representa um conjunto de indivíduos aparentados ligados entre si por aliança, casamento, filiação, ou excepcionalmente, por “adoção” e que esta transmite capital simbólico hereditário, conferindo poder e prestígio<sup>12:124-131</sup>. Desse modo, atribuir o nome do diretor do SNDM ao Diretório

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC. Acadêmico representava poder simbólico e significava o mesmo que adoção de um nome da família dos psiquiatras renomados que haviam ocupado posições hierárquicas de destaque no campo da psiquiatria.

A adoção do nome de Jurandyr Manfredini para o Diretório Acadêmico da EEAP concretizou, de uma certa maneira, uma aliança velada ou não, entre o diretor do SNDM e os acadêmicos da EAPP, já que lhes foi permitida a possibilidade de trocas, favores. Ambos os agentes foram favorecidos na disputa pelo jogo de poder. Jurandyr Manfredini obteve visibilidade, poder e prestígio e, em troca, conferiu aos acadêmicos da EEAP proteção e apoio.

Segundo depoimento do Sr. José Baptista de Oliveira Junior, a escolha do nome do Diretório Acadêmico dependia da conjuntura e do poder de pressão de cada grupo, principalmente daqueles que estavam no comando.

As pessoas quando criavam o Centro Acadêmico, naturalmente que já indicavam qual seria o nome. Isso dependia de cada um, de cada grupo que tivesse no poder e da quantidade de pressão de cada grupo para poder indicar um nome e ser eleito. São sempre as minorias que resolvem as coisas mais importantes e acabam propondo, quer dizer, resolvem mas, tem que ter o apoio da maioria. Não são muitos que tem capacidade de liderança e competência para isso mas tem que saber envolver os outros. (José Baptista de Oliveira Junior).

Como registra Bourdieu existem duas formas de poder que correspondem a duas espécies de capital científico. De um lado, um poder temporal (ou político) institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, ao poder sobre os meios de produção (contratos e créditos) e de reprodução (o poder de nomear de fazer as carreiras). E, de outro, um poder específico que é o prestígio pessoal mais ou menos precedente, segundo os campos e as instituições,

Redistribution of powers... e que repousa quase que exclusivamente sobre o reconhecimento<sup>13:35</sup>.

Jurandyr Manfredini era, portanto, dotado dos dois tipos de poderes. De um lado, como detentor do poder temporal - estava posicionado no nível mais elevado hierarquicamente do SNDM, pois como diretor, tinha em suas mãos, o poder de orientar e coordenar; indicar portarias, ditar instruções e ordens de serviço ligados ao SNDM, incluindo a EEAP - assim como detinha o poder de reprodução pela admissão, dispensa e aplicação de penas disciplinares de seus subordinados.

Jurandyr Manfredini, durante sua trajetória profissional e iniciação no cenário político nacional, esteve em contato intenso com personalidades politicamente influentes pelo qual foi estabelecida uma rede de relações entre os principais agentes que ocupavam o campo político.

Nesse sentido, consideramos que para se estabelecer uma rede de relações, os agentes por excelência, ou seja, os partidos mobilizam, de maneira duradoura, o maior número de agentes que possuem a mesma visão de mundo social<sup>10:174</sup>. Para garantirem essa mobilização duradoura, os partidos devem elaborar e impor uma representação de mundo social capaz de obter a adesão do maior número possível de seguidores e conquistar postos capazes de assegurar um poder sobre os seus atributários.

O envolvimento partidário que Jurandyr Manfredini possuía estava em torno do Partido Social Democrático. Nele estava inserido a estrutura hierárquica necessária para a manutenção e conservação do poder temporal que Jurandyr Manfredini possuía, a partir Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil de 1956 a 1961, Aramis Taborda Ataíde, Ministro da Saúde entre 1954 e 1955 e Maurício de Medeiros, Ministro da Saúde entre 1955 a 1958.

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC.

A permanência de JK na presidência favoreceu a continuidade dos agentes que eram partidários ao PSD, ao mesmo tempo em que as relações entre esses agentes permitiam que eles permanecessem no poder galgando postos importantes no escalão do governo.

Tanto Aramis Taborda Ataíde quanto Jurandyr Manfredini tiveram sua origem profissional no Paraná, ambos formaram-se na Faculdade de Medicina do Paraná. Aramis foi um dos fundadores do PSD e indicado em 1954 para assumir o Ministério da Saúde. Ao assumir essa pasta indicou Jurandyr Manfredini para exercer o cargo de diretor do Serviço Nacional de Saúde Mental. Aramis Taborda permaneceu como diretor do Ministério da Saúde até 20 de novembro de 1955 quando foi substituído por Maurício de Medeiros.

No caso de Maurício de Medeiros e Jurandyr Manfredini, ambos elaboraram um livro denominado “O casamento (Psiquiatria Forense)” que nasceu a partir de um curso de extensão universitária realizado em abril de 1954, no Ministério da Educação, como demonstrado nas palavras de Maurício de Medeiros.

Não querendo ficar sozinho a realizar o curso, convoquei para colaborar comigo o meu assistente que estava mais intimamente em contato com o problema, já que por seu auxílio técnico nas perícias e consultas sobre a matéria, já pelos cursos abreviados de psiquiatria para os estudantes de direito, o Doutor Jurandyr Manfredini<sup>14:5-7</sup>.

Em 1955, Maurício de Medeiros, ao atingir o limite de idade para exercício das funções públicas como diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, foi homenageado por Jurandyr Manfredini que, à época, era professor dessa Instituição. Em seu discurso percebe-se o vínculo de amizade que Jurandyr Manfredini mantinha com Maurício de Medeiros:

Eminente mestre e amigo, Maurício de Medeiros, é a hora de agradecer, do fundo da alma, o muito que nos suportou, a

Rev. de Pesq.: cuidado é fundamental Online 2009. set/dez. 1(2): 217-233

Redistribution of powers... paciência com que ouviu as nossas impaciências, a boa vontade com que ajudou os nossos interesses, a socrática filosofia com que tolerou e silenciou os nossos desassossego. O gabinete do catedrático foi também um pequeno recanto de amável palestra, troca de impressões de idéias, de experiências e de emoções, de memórias e de juízos<sup>15:342-347</sup>.

Maurício de Medeiros acreditava que a criação dos Diretórios Acadêmicos como órgãos de representação de classe era um dos elementos de formação de um espírito coletivo, dito como *essencial na vida universitária*, como consta em seu livro no Mundo do Ensino:

Sem dúvida são os Diretórios Acadêmicos que têm conseguido entendimento entre os universitários na formulação de seus desejos e aspirações. Por outro lado, associações, como esta em que se tem por objetivo a cultura médica, alimentam esse espírito coletivo levando-o para um campo de atividades espirituais que serão sem dúvida o melhor momento do espírito universitário<sup>16:152</sup>.

Maurício de Medeiros era um desses agentes que possuía uma posição destacada no campo da educação e saúde e era considerado por Jurandyr Manfredini “*seu mestre e amigo*”.

Maurício de Medeiros pode ter influenciado Jurandyr Manfredini a se posicionar na luta a favor do “espírito universitário” já que detinha o poder de exercer os efeitos de imposição simbólica e de produzir pensamentos e práticas sensatas e regradas sem a intenção de sensatez e sem uma obediência consciente a regras explicitamente colocadas por ele.

Além do mais, Jurandyr Manfredini dedicou-se, durante a maior parte de sua vida profissional, à atividade catedrática, o que lhe proporcionou relação de proximidade com os estudantes. Tal formação política, baseada em ideais progressistas, conferiu ao diretor do SNDM uma visão menos conservadora que apoiava a criação do Diretório Acadêmico.

O poder científico dito como prestígio também era conferido à Jurandyr Manfredini pelos

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC. estudantes do Diretório Acadêmico da EEAP, uma vez que o diretor por meio de ações sociais, tais como, o fornecimento de materiais de lazer para o corpo estudantil, presença em eventos sociais da EEAP e reuniões do Diretório Acadêmico e doações financeiras para manter o DA em funcionamento, acabou por atender aos interesses do corpo discente da Escola.

Apesar de lutar contra atitudes intervencionistas das autoridades no campo da educação, o Diretório Acadêmico procurava gozar dos benefícios atingidos pela aliança com Jurandyr Manfredini e deleitar do poder de intervenção que ele detinha como autoridade educacional.

Além disso, Jurandyr Manfredini mostrou-se atuante no espaço da EEAP, não apenas ao que se referia às atividades administrativas, mas também através de ações humanizadas, conferindo um papel social ao envolver-se com acontecimentos pessoais dos estudantes e interferindo diretamente no cotidiano dos mesmos<sup>17:09</sup>.



Foto nº 1- Frente e verso do convite dos formandos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto em julho de 1956. Acervo: Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro - EEAP-UNIRIO

#### Redistribution of powers...

O prestígio conferido a Jurandyr Manfredini pelos estudantes da EEAP foi revelado publicamente quando os formandos da turma de 1956 da EEAP convidaram o Diretor do SNDM para ser o paraninfo da turma. A formatura ocorreu no dia 28 de julho de 1956, onde foram diplomados 24 acadêmicos, dentre eles, o primeiro presidente do DA, Djalma Alves da Silva. Consta no convite, em disposição hierárquica, o Ministro da Saúde, Maurício de Medeiros, na situação de patrono da turma, Jurandyr Manfredini ocupando a posição de paraninfo e a diretora da Escola, Maria de Castro Pamphiro, a qual não foi destacada para compor o conjunto de professores homenageados.

A escolha de Maurício de Medeiros para ser o patrono da turma de 1956 foi feita como uma forma de homenagear uma personalidade de destaque no campo da saúde e, principalmente, da psiquiatria, de reconhecida competência e padrão de referência nessa área específica de conhecimento. Já a escolha do paraninfo significou uma homenagem prestada pelos acadêmicos ao reconhecer Jurandyr Manfredini como uma personalidade de destaque no espaço estudantil e revelou a identificação e admiração que os acadêmicos mantinham com o diretor do SNDM.

À luz da teoria do mundo social de Pierre Bourdieu, é possível perceber que nas relações de força entre o psiquiatra Jurandyr Manfredini e os estudantes de enfermagem da EEAP era exercido um poder simbólico, na medida em que tal poder é definido como aquele que é invisível e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos. Nesse aspecto, os estudantes reconheciam Jurandyr Manfredini como um agente detentor de uma quantidade de capital específico (econômico ou cultural especialmente) suficiente para ocupar posições dominantes no seio do campo da educação e saúde, e no espaço social da EEAP.

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC.

O poder simbólico é um poder capaz de se impor como legítimo, dissimulando a força que há em seu fundamento e só se exerce se for reconhecido. Ao contrário da força nua, que age por uma eficácia mecânica, todo poder verdadeiro age enquanto poder simbólico. A ordem torna-se eficiente porque aqueles que a executam, com a colaboração objetiva de sua consciência ou de suas disposições previamente organizadas e preparadas para tal, reconhecem-na e crêem nela, prestando-lhe obediência<sup>10: 7-15</sup>.

Na divisão, na manutenção e na redistribuição do capital político social e do capital simbólico, foi atribuído aos homens Maurício de Medeiros, Jurandyr Manfredini e Djalma Alves as posições de liderança no espaço social da EEAP. Essa constelação masculina conferiu o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas e de representação, o que sinalizava uma forma de dominação masculina sobre Maria de Castro Pamphiro e as estudantes do sexo feminino.

Algumas reivindicações foram evidenciadas nas Atas da Assembléia Geral do Corpo Discente entre os anos de 1955 a 1957, e estavam relacionadas às condições de infra-estrutura e ensino, tais como: ausência de um veículo para transportar os alunos para os estágios, a falta de aparelhos sanitários em funcionamento e a indisciplinaridade dos alunos nos estágios.

A Escola está em abandono, não há um aparelho sanitário em funcionamento e tendo pedido suas providências, até o momento nenhuma fora tomada<sup>5:6</sup>.

Entretanto, a primeira gestão do Diretório Acadêmico foi marcada pelo surgimento de argumentos de insatisfação contra a gestão da diretora Maria de Castro Pamphiro, o que acabou por evidenciar uma luta entre dois grupos de alunos do DA. Em jogo, estava a permanência ou não da Diretora Maria de Castro Pamphiro na gestão da EEAP.

Rev. de Pesq.: cuidado é fundamental Online 2009. set/dez. 1(2): 217-233

Redistribution of powers...

De um lado, Djalma Alves, na condição de porta-voz e usando o poder que lhe foi conferido pela delegação pôde mobilizar parte dos alunos do DA para impor sua visão em prol da retirada da diretora por meio de um abaixo-assinado:

O colega presidente do DA. declarou sessão aberta e disse que está na ocasião oportuna para um abaixo assinado com a exposição de motivos pedindo a saída da Diretora da Escola explicando que a Escola está em abandono<sup>5:6</sup>.

De outro lado, existia um grupo que não era favorável à saída da diretora. Esse grupo era representado por duas mulheres, ambas pertenciam ao movimento estudantil e se posicionaram contra as idéias de Djalma Aves.

A colega Carmen pediu uma parte e disse que os alunos deveriam obedecer à diretora e não a diretora obedecer aos alunos, acho que não devemos assinar nenhum documento<sup>5:6</sup>.

Pedi a palavra a colega Maria Luiza que falava pelo primeiro ano e não tomará parte e não assinaremos nenhum documento para depor a diretora<sup>18:9</sup>.

De fato, a oposição das mulheres poderia significar, de uma certa maneira, o início de uma ação contra os efeitos da dominação masculina estruturados em uma instituição onde, até então, perpetuava-se e reproduzia-se a ordem masculina e também a ordem social para reproduzir os princípios de visão e divisão favoráveis ao gênero masculino. Entretanto, apoiar ou não a permanência de Maria de Castro Pamphiro como diretora da Escola não dependia apenas da questão de gênero, mas sim, das relações políticas que eram estabelecidas entre os agentes para que fossem atingidos os objetivos dos dois grupos distintos.

Como por exemplo, Djalma Alves, em sua luta para impor o veredicto imparcial, para fazer reconhecer a sua visão como objetiva, dispôs de forças que dependiam da sua posição política no campo do movimento estudantil como presidente

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC.  
do Diretório Acadêmico e de sua presença nas principais posições da diretoria da UNE.

Quando os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital, eles desenvolvem estratégias que dependem dessas posições.<sup>14:29</sup> Essas estratégias orientaram-se ora para a conservação da estrutura ora para a transformação do espaço social da EEAP.

Uma das estratégias elaborada foi que, na condição de secretário de assistência da UNE, Djalma Alves recorreu a esse órgão para angariar apoio para retirar a diretora, como consta a Ata de Assembléia Geral do Corpo Discente:

Já tenho entendimento com o colega presidente da União Nacional dos Estudantes, contamos, portanto, com o inteiro apoio da UNE, disse ainda que nada tem contra D. Maria de Castro Pamphiro em particular, mas quero que ela trate todos iguais e que faça alguma coisa em benefício da Escola<sup>5:5</sup>.

A diferença no tratamento desses estudantes, conforme relatado por Djalma Alves, pode ser justificada pelo fato de que Maria de Castro Pamphiro adquiriu o *habitus* de enfermagem na Escola de Enfermagem Anna Nery, onde não se aceitava homem como aluno, já que a presença do sexo masculino não estava vislumbrada num projeto de enfermagem moderna. Para ela, lidar com homens, provavelmente, não era tão fácil em termos de formação do estudante de enfermagem.

O modelo de ensino adotado por Maria de Castro Pamphiro teve grande influência dos modelos implantados pelas escolas de enfermagem, criadas no período Vargas e posteriormente equiparadas a EEAN, e sob forte influência do catolicismo onde se objetivava zelar pela ordem e moral de suas acadêmicas, mantendo-se um regime controlador que não favorecia a inserção desses estudantes no mundo social e, muito menos, o engajamento político.

Redistribution of powers...

Essas práticas distanciavam a enfermagem dos eventos políticos e econômicos do país.

Em razão disso, as informações advindas de acontecimentos políticos do mundo social eram transmitidas para os alunos do internato por meio das vivências experimentadas pelos alunos do semi-internato. Isso conferia aos alunos do semi-internato a capacidade de exercerem o poder por meio da comunicação, a fim de garantir a legitimação da dominação, já que os alunos do semi-internato acabavam por estabelecer um vínculo entre os alunos internos e o mundo social externo a EEAP.

As relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulados pelos agentes envolvidos nessa relação<sup>11:11</sup>.

A localização da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto foi um fator favorável para a aproximação dos alunos da EEAP com os estudantes do movimento estudantil da UME, visto que tanto a Escola como a Sede da UNE e UME localizavam-se na Praia Vermelha.

Na verdade, a Praia Vermelha era um centro importante de manifestações estudantis. Como existia naquele local a Reitoria da Universidade do Brasil presenciavam-se as reivindicações mais sentidas. Aconteceu durante a greve dos bondes quando invadiram a Faculdade e foi necessário a Reitoria entrar em ação. Essa localização é fundamental. Se a Escola de Enfermagem fosse em Campo Grande, por exemplo, seria muito difícil haver essa conexão (José Baptista de Oliveira Junior).

Em seus discursos, o aluno Djalma mencionava ser integrante da diretoria da UNE, na categoria de secretário de assistência. Tinha uma ativa participação nas reuniões que ocorriam na sede da UNE e nos Congressos Nacionais Estudantis. Tal situação permitiu que ele fosse o interlocutor dos ideais engajados pelo movimento estudantil. Sendo assim, Djalma convidava os

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC.  
estudantes de enfermagem da EEAP a participar  
das reuniões da UNE:

Logo após, falou de uma reunião que realizar-se-ia dia seguinte, tendo na sede da UNE e que convidava as colegas a comparecer na mesma, salientando que não perderiam as saídas regulamentares<sup>18:12</sup>.

Nesse sentido, Djalma Alves ampliava o seu capital político enquanto liderança, na medida que exercia prática no debate e o poder de articular entre os integrantes da UNE e os estudantes da EEAP sobre as questões estudantis e da Escola.

No que se refere à Maria de Castro Pamphiro, as relações políticas estabelecidas no início de sua gestão, em 1950, era configurada por Lais Netto dos Reys, Adauto Junqueira Botelho e Getulio Vargas. Essas alianças promoveram a nomeação e permanência de Maria de Castro Pamphiro na direção da EEAP. Entretanto, quando as circunstâncias políticas foram alteradas após a morte de Getulio Vargas, novos agentes com capital político próprio passaram a pleitear cargos importantes nos escalões do governo buscando com eles, a formação de um novo grupo de agentes com filosofias e estratégias diferentes daquelas que eram exercidas no governo de Getúlio Vargas.

Entra em cena os agentes Juscelino Kubitschek, Maurício de Medeiros e Jurandy Manfredini, dispostos hierarquicamente no campo político, que passaram a compor essa nova configuração, em torno do Partido Social Democrata. Esses agentes procuraram impor novas visões e divisões de mundo refletindo no campo da educação e saúde, assim como no Espaço social da EEAP.

A rede relações políticas de Maria de Castro Pamphiro começou a ser enfraquecida com o falecimento de Lais Netto dos Reys, em 1950, já que ela foi um importante agente que sustentava

Redistribution of powers... a permanência de Maria de Castro Pamphiro na direção da EEAP, isso porque a escolha por Maria de Castro Pamphiro para exercer a direção da Escola teve forte influência e indicação da diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery, Laís Netto dos Reys, que dizia ser Maria de Castro Pamphiro, pessoa de sua confiança e, por esse motivo, tornou-se um nome de consenso para dirigir a EEAP no âmbito do SNDM<sup>19:139</sup>.

Como Laís Netto dos Reys fora um importante agente de decisão no campo político e da enfermagem brasileira, seus laços amigáveis com a diretora da EEAP, aumentavam a área de influência de Maria de Castro Pamphiro, tanto com as diretoras das escolas de enfermagem de todo Brasil como de agentes políticos que exerciam cargos mais elevados no governo.

Após a morte de Laís Netto do Reys, e enfermeira Waleska Paixão ocupou a direção da EEAN mas, apesar dela manter boas relações com Maria de Castro Pamphiro em virtude de sua trajetória acadêmica e religiosa, possuía um volume de capital político mais reduzido provocando um distanciamento maior entre os agentes que ocupavam o poder político central em relação à sua antecessora Laís Netto dos Reys.

Como o exercício de Waleska Paixão na direção da EEAN ocorreu após o processo de redemocratização no país ela, mesmo sendo formada na EEAN, possivelmente, não compartilhava da mesma rede de relações estabelecidas por Lais Netto dos Reys com as principais autoridades do Estado Novo.

Waleska Paixão possuía uma postura menos conservadora que Maria de Castro Pamphiro visto que nos depoimentos do V Congresso Nacional de Enfermagem (1950) ela ressaltou que as atitudes de autoritarismo poderiam ser atrofiadas e geradoras de conflitos entre o corpo discente e o docente, e o tradicionalismo exagerado poderia prejudicar o progresso da enfermagem brasileira:

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC.

O excesso de tradições [tais como o uso de uniformes com acessórios desnecessários e incômodos e o internato] nos prende, às vezes a técnicas bastante discutíveis sob o ponto de vista da rapidez e da economia de esforços e material, quando já temos elementos para ultrapassá-los, sem nada sacrificarmos do que nelas é realmente recomendável. Enfim, falei em uma posição de equilíbrio e examinei apenas alguns excessos tradicionalistas de certas escolas, bem como alguns comuns a todas<sup>20</sup>.

Ao criticar as atitudes tradicionalistas e autoritárias impostas pelas diretoras de enfermagem, Waleska Paixão inseriu a concepção de liberdade, almejada pelo processo de redemocratização, o que por certo, pode ter aproximado as relações entre essa diretora e o corpo estudantil da EEAN.

O fim do segundo Governo Vargas, culminando com sua morte em 1954, proporcionou a instabilidade política dos agentes que ocupavam cargos importantes no Ministério da Saúde, Departamento Nacional de Saúde e do Serviço Nacional de Doenças Mentais, como ocorreu com a saída de Aduino Botelho da direção do SNDM que possuía grande influência no espaço da EEAP e ocupava posição destacada no âmbito da psiquiatria. Sua saída significou, de uma certa maneira, o afastamento de um importante ator na composição da constelação de alianças que cercavam Maria de Castro Pamphiro.

Ao ser iniciado o processo de democratização e de abertura política, todas as atitudes conservadoras adotadas foram severamente criticadas. Tal fato refletiu diretamente no enfraquecimento das relações de poder que Maria de Castro Pamphiro estabelecia com os próprios estudantes e com as autoridades do campo político. Isso porque a cultura política e institucional adotada por ela estava enraizada nas relações estabelecidas no período Vargas, como por exemplo, a influência da Igreja católica e das

Redistribution of powers...  
atitudes autoritárias no ensino da enfermagem da EEAP.

Nesse sentido, é importante ressaltar que apesar de ficar evidente a luta de alguns integrantes do Diretório Acadêmico pela retirada de Maria de Castro da direção da EEAP, não podemos inferir que o fim de sua gestão ocorreu única e exclusivamente por esse fato, mas sim, contribuiu para o seu enfraquecimento nas relações de poder na EEAP.

As relações de força entre os agentes que compunham o espaço social da EEAP estavam distribuídas não somente de forma hierárquica, mas também por meio das alianças consolidadas estrategicamente pelos dirigentes do Diretório Acadêmico.

O Ministro da Saúde Maurício de Medeiros e o Diretor do SNDM Jurandyr Manfredini mantiveram o poder reconhecido e legítimo no espaço social da EEAP, amparados pelas relações de poder no campo da educação e da saúde. Já os acadêmicos que lideravam o Diretório Acadêmico da EEAP, representados pela figura de Djalma Alves, apesar de não ocuparem as posições privilegiadas no topo da pirâmide hierárquica do movimento estudantil foram eficazes nas estratégias para conseguir o fortalecimento e apoio dos agentes que eram capazes de utilizar instrumentos de imposição ou legitimação da dominação, ou seja, da UNE e de Jurandyr Manfredini para fazer frente ao poder da Diretora. E por fim, a enfermeira Maria de Castro Pamphiro, ao contrário, estava enfraquecida, somente detinha apoio de certos acadêmicos da EEAP. Sua constelação de alianças já não fazia mais parte do grupo dominante que ocupava o campo da educação e saúde.

## CONCLUSÃO

Sob a égide do processo de democratização e de enaltecimento do nacionalismo, o movimento estudantil, por meio da União Nacional dos Estudantes, consolidava-se de forma organizada, com forte capacidade de mobilização e força política, permitindo que o estudante participasse ativamente de disputas políticas, tanto no âmbito universitário quanto perante os altos poderes da República.

Nesse sentido, a voz estudantil, na luta pela defesa de seus interesses, passou a ser ouvida, trazendo reflexos para a política brasileira, para o campo da educação e, consecutivamente, para a enfermagem brasileira.

Nesse período, a EEAP estava subordinada ao Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM) cujo diretor era Jurandyr Manfredini que detinha o capital institucional e o poder de legitimar sobre todos os serviços da Escola. Em uma hierarquia abaixo, a enfermeira Maria de Castro Pamphiro ocupava a direção da EEAP, acumulando funções administrativas e pedagógicas.

Em maio de 1955, os estudantes de enfermagem da EEAP, apoiados pela União Metropolitana dos Estudantes (UME) criaram o Diretório Acadêmico Jurandyr Manfredini da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. No mesmo dia, os mandantes delegaram o estudante Djalma Alves para ser o presidente da primeira diretoria do Diretório Acadêmico, dando plenos poderes para que representasse, falasse, agisse em nome do corpo discente da Escola.

A criação do Diretório Acadêmico da EEAP constituiu-se como um novo espaço de luta simbólica, até então, ausente dos desafios administrativos e pedagógicos enfrentados pela Direção da Escola. Com a aproximação dos alunos de enfermagem, as lideranças do movimento

Redistribution of powers... estudantil foram criadas e, com isso, surgiram as condições para se alterar as regras e regularidades políticas de dominação inscritas na Escola, inclusive o surgimento de disputas políticas que levaram a redistribuição do poder no espaço social da EEAP.

A EEAP representou um campo de lutas que visava transformar ou conservar a relação de força estabelecida. Cada um dos agentes investiu o capital que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependiam, quanto à orientação, da posição desses agentes nas relações de força.

Desde 1943, a disposição dos agentes no espaço da EEAP e no campo político, da educação e da saúde estava configurada em torno da rede de relações políticas estabelecidas, durante o Estado Novo, por Getúlio Vargas e sua rede de confiança Gustavo Capanema (Ministro da Educação e Saúde), Barros Barreto (diretor do DNS), Adauto Junqueira Botelho (diretor do SNDM), Laís Netto dos Reys (diretora da EEAP até 1950) e Maria de Castro Pamphiro (diretora da EEAP). Esses agentes representaram uma política institucional embasada nas concepções expandidas pelo Estado Novo e também pela Igreja Católica, mantendo por isso, atitudes conservadoras e autoritárias que eram severamente criticadas pelos agentes opositores do sistema (incluindo o movimento estudantil) que vivenciavam o processo de democratização e abertura política, a partir de 1950.

Após a morte de Getúlio Vargas, uma nova configuração política ficou estabelecida em torno do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), pois, novos agentes de acordo com seus capitais políticos e relações políticas passaram a pleitear os cargos importantes nos escalões do governo e a posicionar-se nos campos da educação e saúde.

Assim ocorreu com Maurício de Medeiros (Ministro da Saúde) e Jurandyr Manfredini (diretor do SNDM) que dispostos hierarquicamente no

Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC. campo da saúde e detentores do poder de exercer os efeitos de imposição simbólica, passaram a impor novas visões e divisões de mundo inclusive no espaço da EEAP e no mundo universitário ao posicionar-se a favor da luta pela criação dos Diretórios Acadêmicos como órgãos de representação estudantil.

O diretor do SNDM, Jurandyr Manfredini, posicionado no topo da estrutura hierárquica no espaço da EEAP era detentor dos poderes temporal e específico. O primeiro era exercido por meio das relações políticas com personalidades influentes e do capital político acumulado pela sua trajetória profissional. Já o poder específico era reconhecido pelos estudantes de enfermagem que adotaram como título do Diretório Acadêmico o nome de Jurandyr Manfredini.

A adoção de seu nome para o Diretório Acadêmico e a nomeação de Jurandyr Manfredini como paraninfo da turma selou um pacto de cumplicidade e de troca de favores. Para Jurandyr Manfredini ficou comprovado seu capital cultural de notoriedade e de popularidade resultado do fato de ser conhecido e reconhecido. Para os acadêmicos do DA, a garantia de apoio e proteção de um agente detentor de um capital político acumulado, de autoridade capaz de legitimar decisões de interesse para o movimento estudantil.

Nesse sentido, as relações de força entre os agentes no espaço social da EEAP estavam estabelecidas não somente de acordo com o posicionamento desses agentes na hierarquia dos campos, mas, também pelas alianças firmadas de forma estratégica.

Os psiquiatras Jurandyr Manfredini (diretor do SNDM) e Maurício de Medeiros (Ministro da Saúde) estabeleceram uma relação política para conservar o poder legítimo no campo da saúde; assim como a diretora da EEAP, Maria de Castro Pamphiro sem a atuação de Laís Netto dos Reys

Rev. de Pesq.: cuidado é fundamental Online 2009. set/dez. 1(2): 217-233

Redistribution of powers... (ex-diretora da EEAN) formou alianças com Adauto Botelho (ex-diretor do SNDM) para preservar sua posição como diretora da EEAP. Por outro lado, os estudantes da EEAP se aliaram com Estudantes do Movimento Estudantil (UME/UNE) e com o psiquiatra Jurandyr Manfredini (diretor do SNDM) para angariar apoio na luta da defesa de seus interesses dentro e fora do espaço social da EEAP.

A atuação dos estudantes do Diretório Acadêmico da EEAP no campo de ensino e da enfermagem brasileira e sua luta pela manutenção de suas posições de poder provocaram efeitos simbólicos dentro e fora do espaço social da EEAP.

No espaço social da EEAP o surgimento do Diretório Acadêmico contribuiu, de forma simbólica, para o enfraquecimento das relações de poder que eram estabelecidas por Maria de Castro Pamphiro, o que por sua vez, impulsionou a redistribuição dos poderes ao colocar em xeque a permanência de Maria de Castro Pamphiro na gestão da EEAP.

Por fim, os estudantes conseguiram de acordo com seus interesses e estratégias conquistar um poder simbólico de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver, crer, de confirmar, de mobilizar, de transformar a visão de mundo e a ordem social dentro e fora do espaço social da EEAP.

## REFERÊNCIAS

1. Sarlo RS, Brêtas ACP. A participação política de graduandos(as) de enfermagem. Online Brazilian Journal of Nursing. 2007; 6(0).
2. Decreto Lei n.4.725, de 22 de setembro de 1942. Reorganiza a Escola Profissional de Enfermeiros. Coleção de Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Atos do Poder Executivo, Rio de Janeiro (DF) 1942; Jul-Set; 6: 544-547.
3. Decreto.10.472, de 22 de setembro de 1942. Aprova o regulamento da Escola de Enfermeiro

- Bessa MN, Amorim WM, Filho SAC.  
Alfredo Pinto. Coleção de Leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Atos do Poder Executivo, Rio de Janeiro (DF) 1942; Jul.-Set; 5, 292-293.
4. Decreto s/n. de 29 de dezembro de 1942. O presidente da república designa: Maria de Castro Pamphiro para exercer o cargo de diretora da Escola de Enfermeiros Alfredo Pinto. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Rio de Janeiro (DF)1943; Jan.
5. Ata da Assembléia Geral do Corpo Discente. 28 de maio de 1955. Disponível no Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro da EEAP-UNIRIO.
6. Bourdieu P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus;1997.
7. Félix LO. História e memória: a problemática da pesquisa. Passo Fundo (RS): Ediupf; 1998.
8. Bourdieu P. Coisas Ditas. 1ºed, São Paulo: Brasilienses; 2004.
9. Bourdieu P. A economia das trocas lingüísticas. São Paulo: Edusp; 1998.
10. Bourdieu P. O poder simbólico. 10ºed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007.
11. Bourdieu P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1999.
12. Bourdieu P. A economia das trocas lingüísticas. São Paulo: Edusp; 1996.
13. Bourdieu P. Os usos sociais da ciência. São Paulo: Unesp; 2004.
- 14-Medeiros M , Manfredini J. O casamento: psiquiatria forense. Rio de Janeiro: José Olympio; 1956.
- 15- Jornal brasileiro de psiquiatria. Rio de Janeiro (DF)1955; 4 (3),342-347.
- 16- Medeiros M. No mundo do ensino. Rio de Janeiro, 1953.
17. Vidal L, Amorin WM. Reconhecimento do psiquiatra Jurandyr Manfredini entre estudantes da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, 1954-1955. Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas. 2008; 4(1):1-13.
18. Ata da Assembléia Geral do dia 28 de março de 1956. Disponível no Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro da EEAP-UNIRIO.
19. Amorim WM. A reconfiguração da primeira escola de enfermagem brasileira: A missão de Maria de Castro Pamphiro, 1937-1949 (tese). Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2004.
20. Paixão W. A Formação Moral da Estudante de Enfermagem. Anais de Enfermagem.1952;5(1):7-23.

Recebido em: 07/10/2009

Aprovado em: 14/10/2009